

# Ciência da Comunicação e Teoria Social

Julio Cesar de Tavares\*

## Resumo

O presente texto tem como objetivo uma reflexão sobre a multidisciplinariedade no campo da ciência comunicativa e o engajamento social do campo. O eixo do argumento segue uma visão da Comunicação a partir de sua condição de paradigma para a vida social, em particular, e para a vida dos seres vivos, em geral. O propósito maior é de natureza pedagógica e localiza-se na reflexão sobre a idéia de ciência da Comunicação para se construir a idéia de educação da ciência comunicativa. Neste cenário, destaca-se a necessidade urgente da aliança dos Estudos de Comunicação com os Estudos Culturais, considerada ferramenta estratégica para a retomada da consciência multidisciplinar, para a consolidação do campo e como parte essencial do projeto de pedagogia política para a área de Comunicação.

Palavras-chave: Comunicação, teoria social, injustiça cognitiva, estudos culturais, responsabilidade social, interculturalidade.

## *Communication science and social theory*

## Abstract

This article aims to think about multidisciplinary Communication Studies and social engagements in the field. The argument results from a point of view that considers communication a paradigm, in particular, for the course of social life and in general, for the evolution of living organisms. This approach develops a pedagogical explanation of the science of communication in order to construct an education project for a communicative science. To these ends I urgently propose the articulation between Communication and Cultural Studies to include a multidisciplinary consciousness that consolidates the

---

\* Professor do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social e do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da UFF, Diretor da ASWAD — Association for the Study of the Worldwide African Diaspora e coordenador do LEECCC — Laboratório de Etnografia e Estudos em Cultura, Comunicação e Cognição.

field of communication as part of a political pedagogy engaged in social responsibilities. Keywords: Communication theory, social theory, cognitive injustice, cultural studies and social responsibility

## Introdução

O texto que ora apresento trata de colocar em evidência a possibilidade de uma reflexão sobre a emergência do conceito de Comunicação no interior das inovações tecnológicas vigentes no século XX e seu conseqüente impacto nas teorias sociais. O objetivo é chamar a atenção dos agentes e dos pesquisadores do tema e da área para que observem a existente interrupção no percurso de construção do campo da ciência comunicativa. O eixo do argumento que aqui se erige encontra-se, originalmente, em uma arquitetura para além da funcionalidade ou instrumentalidade da Comunicação. Opta-se, aqui, preferencialmente, por uma visão da Comunicação a partir de sua condição de paradigma, em particular para a vida social e, em geral, para a vida dos seres vivos. Embora, contrariamente à essa afirmação, a Comunicação encontra-se submetida aos efeitos terríveis gerados pela veloz predominância com que o sistema midiático eletrônico empreende o êxtase comunicativo reinante nesta etapa do capitalismo de pura simulação em época de terror.

O propósito é dar início a uma história do conceito de Comunicação a partir da noção de Comunicação como paradigma do conhecimento contemporâneo em articulação com o processo de acumulação teórica originária que marcou a sua emergência. O interesse que nos move é o de uma reflexão sobre o aparato fundador da idéia de ciência da Comunicação para a idéia de educação da ciência comunicativa. Com o objetivo descrito, queremos apontar para a alta relevância dos Estudos Culturais como ferramenta estratégica na consolidação do campo, como parte de uma pedagogia para a área de Comunicação, seja no âmbito do universo acadêmico, seja na sociedade como um todo.

Reconhecemos, no entanto, que, sob as circunstâncias atuais de desenvolvimento do campo, a construção dos sistemas de regras e a definição dos parâmetros disciplinares considerados como protocolos do pertencimento à área de Comunicação introduzem algumas questões ligadas à idéia de território e à definição de fronteira. A primeira nesta linha é a seguinte: como pensar um campo disciplinar sem incorporar elementos das áreas circunvizinhas? É possível a criação de um campo disciplinar divorciado da articulação entre o sujeito e a sociedade?

## Comunicação e Teoria

Na abertura deste exercício, podemos afirmar que o campo da Comunicação constituiu-se como um fenômeno da segunda metade do século XX. Este é o momento de explosão de uma crise dos sentidos que é permeada por incessantes transformações científicas e tecnológicas. Na expectativa de se ter caracterizada, promove-se um amplo nominalismo forjado em meio a um gigantesco investimento intelectual erigido com a reflexão de noções como o “atual”, o “cotidiano” e o “agora”. Estes são temas de profunda recorrência após a II Guerra Mundial, resultantes do novo clima de esperança e reconstrução do mundo novo, que se abria com a suposta vitória da celebrada Democracia. Enquanto Giddens (1990) considera esse comportamento de busca do entendimento do momento como “reflexividade”, Habermas (1985) prefere denominar o momento de “alta modernidade” em oposição à “pós-modernidade”. Com Bell (1976) o pós-guerra é denominado fase “pós-industrial”, Baudrillard (1981, 1985) prefere, entre outros conceitos, defini-lo como “ordem cibernética neocapitalista” ou “hiper-realidade”. Já Zbigniew (1979), assessor de Nixon, define o atual como “sociedade tecnocrônica”. Além de tantas outras definições emergentes, a que mais antecipou toda a discussão da pós-modernidade foi a que aparece no projeto concretista de Augusto de Campos, no poema “pós-tudo”

**QUIS  
MUDAR TUDO  
MUDEI TUDO  
AGORAPÓSTUDO  
EXTUDO  
MUDO**

Ou, ainda, na síntese propugnada por McLuhan (1977), na qual ele sustenta a singularidade do momento através da noção de “matriz pós-gutemberguiana”.

Explícita ou implicitamente, todas as conceituações destacam a Comunicação pelo seu aspecto tecnológico ou pelo seu aspecto comportamental. Nestes 50 anos, o campo em formação vem-se transformando, deste modo, em uma atrativa piscina na qual múltiplas disciplinas nela mergulham e se afinam com a idéia de organização através de uma rede de *inputs* e *outputs*, e cuja principal característica encontra-se na capacidade de entrelaçar o tecnológico, o científico, o estético e o filosófico. Desde então, incorporada como ferramenta analítica da sociedade, a noção de Comunicação ganha presença e é desenvolvida como método. O sonho de um exercício transdisciplinar, assim, se iniciava com a ciência comunicativa.

Foi no curso dessa trajetória, que dois pensadores apontaram, quase que simultaneamente, para o fenômeno comunicacional a partir de lugares com os distintos focos, embora em escalas semelhantes (na medida que observavam as dimensões cognitivas das civilidades que a eles se posicionavam como seus objetos), mas que permitiam a construção de uma convergência de grande importância nos primórdios da teoria da Comunicação. Estes pensadores foram McLuhan (1977; 1964) e Lévi-Strauss (1962), cujas obras, de certo modo, originaram-se na sincronicidade de suas expectativas com relação à força das práticas comunicativas.

McLuhan tem como ponto de partida as grandes metrópoles urbanas industrializadas e Lévi-Strauss parte das comunidades que por ele são etnocentricamente denominadas de “primitivas” ou simples, que, conforme o próprio assinalara, não haveria de se preocupar com grandes aglomerações sociais, tarefa exclusiva de sociólogos<sup>2</sup>. Nos dois casos, estamos diante de uma observação de primeira ordem sobre os processos cognitivos e as engrenagens perceptivas dos sujeitos no mundo da vida, do ser-estar-no-mundo como constituindo “estados alterados da consciência” (para me valer de uma expressão freqüentemente em uso), a partir de impactos tecnológicos que, diretamente, intervêm na fisiologia e, conseqüentemente, na construção da consciência do mundo. O que aproxima ambos, Lévi-Strauss e McLuhan, é a ênfase na reflexão sobre uma teoria da sociedade, tomando-se a com Comunicação como seu lugar central.

McLuhan propõe-nos uma nova epistemologia, em virtude da constituição da era tecnológica liderada pela mídia eletrônica e a conseqüente constituição da “aldeia global”. E o faz, a partir do entendimento de que existia uma fusão dos modos de ler a sociedade como produto de um salto na percepção sensorial promovido pelo impacto tecnológico. O resultado imediato seria uma síntese que apontaria para a transcendência da Comunicação, da cultura e da cognição.

Lévi-Strauss perseguiu, por toda a sua obra, um largo horizonte de questões, que, de maneira geral, vinculavam-se à concepção da atividade antropológica como um exercício analítico dos processos interligados da atividade cognitiva nos contextos culturais. O resultado contundente do seu projeto apresenta-se claramente em uma de suas mais famosas palestras, apresentada no Simpósio Internacional de Antropologia, sob os auspícios da Wenner-Gren Foundation, em 1952. Neste *paper*, Lévi-Strauss introduziu o seu método para estudar as estruturas das sociedades entendidas como manifestação da cultura e examinadas a partir da noção de “modos de Comunicação submetidos às regras sociais reguladoras”. Vista sob esse aspecto, as trocas, o parentesco e a linguagem seriam na conceituação de Lévi-Strauss o que chama de “jogos de Comunicação” estabelecidos na dupla oposição entre sujeito e signo. Depreende o antropólogo algumas conseqüências desta maneira de conceber a Comunicação Social: *primeiro* estaríamos diante de um novo modo de perceber as relações entre a ciência econômica e os estudos de estrutura

social, pois, pensados sobre a ótica da Comunicação, o que temos, de fato, são “indivíduos ou grupos que se manifestam em relações empíricas de cooperação ou de competição” (Lévi-Strauss, 1962:338). *Segundo*, para o entendimento das regras que fazem a sociedade funcionar — regras que nem são do conhecimento dos parceiros ou sujeitos sociais — seria lícita a fundação de uma nova disciplina, voltada para a constituição de uma ciência comunicativa, baseada na fusão da economia política com a Linguística e a Psicanálise (*ibidem*:339). *Terceiro*, desta ciência extrairia-se, inclusive, os conceitos necessários para melhor identificar as estruturas profundas da sociedade: parentesco e casamento. Assim, no modelo analítico de Lévi-Strauss, a teoria da Comunicação seria um produto constituído a partir dos elementos conceituais da teoria da informação e das contribuições da semiologia para que se alcançasse a percepção mais profunda da estrutura do social. No fundo, o que se buscava era a contribuição para a formação de um pensamento mais fecundo e sólido, que melhor investigasse o social, não somente nas suas dimensões diacrônicas economicamente determinadas, mas também nas articulações sintagmáticas e discursivamente constituídas.

Este aspecto molecular da Comunicação materializa-se no gesto que produz a presença do sujeito no mundo. E, neste aspecto, Goffman<sup>3</sup> abre o caminho para o uso da Comunicação como instrumento de análise na vida cotidiana, bem como para o lugar da consciência no interior das Ciências Sociais. Através da etnometodologia, uma ferramenta de trabalho que leva em consideração a articulação da linguagem a partir da ótica analítica de Wittgenstein (1975), para quem a linguagem só pode ser definida na dimensão do ordinário, isto é, na experiência cotidiana aliada à microfísica dos contextos e dos atores sociais. Com a aplicação do modelo lingüístico no campo da análise social, Goffman define o drama e a cooperação como componentes essenciais da dinâmica da sociedade e como produtos da experiência comunicativa. O que vemos na obra de Goffman é uma mudança de foco do analista ao tomar a Comunicação como o elemento estruturante do social através da compreensão do social como estruturado e a partir do *encontro* (pois é dele a *Comunicação/solidariedade*, a *dramatização* e o *olhar interpelado* são derivados). Goffman estaria sugerindo que o analista percebesse os eventos e processos sociais como formas de vida materializadas.

Recriar as “formas de vida” como contextos e/ou comunidades comunicativas, além de fornecer significado para os espaços nebulosos entre o estímulo e a resposta de um ato comunicativo, tornou-se assim o eixo da atividade de análise dos fenômenos socio-culturais. Com a noção de cooperação, Goffman elabora toda a sua obra destacando as estruturas dramáticas da vida cotidiana como evidências, cuja pragmática comunicativa básica apresentaria-se através do compartilhamento da linguagem expresso na força do gesto durante o exercício da conversação. Concebidos como lugares das interações por efeito da vertigem das repetições da cultura, os contextos, conversações, encontros,

rituais, cerimônias e festas tornam-se moléculas da rede de socialidade e manifestações da poética evolutiva, agora capazes de serem interpretadas e compreendidas.

Portanto, a idéia de mediação cultural, a que é daí derivada, constitui-se em tema de análise destes objetos que procuram localizar a importância e funcionalidade das crenças, dos costumes, dos sonhos, das simbolizações, das significações; enfim, de todas as conexões que criam e recriam, circularmente, as condições que garantem a existência sociocultural da mente humana como uma rede simbólica possível. A idéia de mediação como fator fundamental na explicação e na interpretação do contemporâneo chega-nos aliada, portanto, à noção de interconectividade, aqui entendida como rede de contatos e contextos, o ponto central da noção de cultura e cognição, onde no nodo se encontraria o fenômeno comunicacional. Uma longa tradição nutre esta tendência em traduzir os fenômenos da mente e os fenômenos sócio-culturais como mediações que circunscrevem a vida dos sujeitos ou agentes.

Barbero (2001) nomeia este fenômeno de “hegemonia comunicacional”, responsável por esta especialização comunicacional do mercado, cada vez mais crescente, ao converter-se em um “sistema de máquinas produtoras de bens simbólicos, ajustados a seus públicos consumidores”. Além disso, esta hegemonia comunicacional promove um desencadeamento das práticas culturais de seus ambientes tradicionais, conduzindo-as para o exercício de função estratégica, do ponto de vista do mercado “na configuração de novos modelos de sociedade”. Ainda segundo Barbero, o efeito é a culturalização da vida social como resultado da irrigação desta nova cultura social espalhando-se fragmentariamente por toda a sociedade. Esta abordagem não implica o ponto de vista apocalíptico, conforme fizeram os frankfurtianos. Distintamente da visão dos que preconizavam a concepção da “dessublimação da arte”<sup>4</sup> como marca do ordinário, realizada pela indústria cultural, Barbero, inversamente, indica-nos a presença de uma “razão comunicacional” (Barbero, 2001), que consiste na “reconfiguração das mediações” (*idem*) e em “novos modos de interpelação dos sujeitos e das representações” (*idem*). É neste estágio, marcado pelas mediações que se inserem na trama discursiva e na ação política, que a Comunicação se configura como campo privilegiado da batalha política.

Recentemente, outra abordagem para o fenômeno comunicacional foi concebida obedecendo ao modelo de contra-hegemonia e de produção de virtualidades como explicação do momento atual. O modelo mencionado é o modelo do Império de Hardt e Negri (2000) que, neste caso, considera a Comunicação a responsável pela dinamização que constitui o “regime de produção biopolítica da ordem mundial”, regime gerado com a planetarização e que se utiliza de objetos, serviços e subjetividades na esfera global do planeta. Neste Império, redes de Comunicação aparecem como epiderme que expressa e organiza a globalização, sobretudo na sua vertente tecnológica e sua conseqüente invasão na vida cotidiana. Promove, assim, a criação de um mundo organizado em macrocélulas

que desempenham papel de comunidades econômicas. Nestas estão contidos os ambientes comunicativos que geram e comercializam outros tantos, ambientes que promovem a circulação de produtos e serviços tradicionais e inteligentes (molecular).

É com esta argumentação que Hardt e Negri analisam a globalização e a desestruturação da sociedade moderna. Com esta análise, os autores reinscrevem a importância da produção no interior de um panorama em que as relações de trabalho se encontram indefinidas, pois que existem em função dos horizontes abertos pelo binômio Comunicação e Biopolítica. Assim, para Hardt e Negri corporações comunicativas são corresponsáveis por constituir a máquina de legitimação imperial no planeta. E, mais uma vez, presenciamos a dominação eletrônica como relevante coordenada na produção do “trabalho imaterial”, a nova natureza da produção do trabalho. A natureza da globalização tem como paradigma a Comunicação e sua contraface: a Biopolítica. Estes elementos concebem os componentes da maquinaria do sistema imperial. Apoiado nestes paradigmas, Hardt e Negri apresentam a sua tese das multidões, ao reconhecerem que o *empowerment* das multidões, isto é, o fortalecimento através da abertura (ou conquista) de canais para as multidões, tem início com a tomada de controle dos meios de Comunicação e da Biopolítica, o caminho para a constituição de processo de agenciamento autônomo da produção (*idem*:404).

Assinalam Hardt e Negri que a singularidade política somente se constituirá através do resgate da cooperação, ciência, conhecimento e Comunicação, poderes a serem restituídos por multidões (*idem*:365). Assim, império como conceito estruturante da análise de Hardt e Negri transforma-se em instrumento na análise da ordem social, na qual a articulação dos mecanismos Biopolíticos e das redes de Comunicação configuram a produção do núcleo da legitimação da nova ordem. Observada ora sob seu papel epistêmico, ora sob seu papel ontológico, o fato é que, em todas as áreas de conhecimento, a idéia de Comunicação organiza boa parte da reflexão específica da área bem como dos processos gerenciais.

Conforme em Lévi-Strauss enunciou certa vez, a sociedade torna-se um conjunto de “práticas comunicativas”, ou como McLuhan sugeriu a idéia de “aldeia global”, ambas as afirmações elaboradas nos anos 1950, organizam a representação cultural no campo político e a transformam na questão crucial tanto para os analistas da cultura e da Comunicação. Isto altera o lugar da recepção e dos sujeitos que gozam de particular atenção, posto que tendem a se manifestar neste contexto de hegemonia comunicacional. A auto-percepção dos grupos sociais e das suas reações aos mecanismos contaminados pela responsabilidade social torna-se aspecto importante da participação, da crítica e da analítica na criação e na produção de significado.

## Multidisciplinariedade como ambiente político responsável

E é esta dimensão do simbólico, através do discurso e do jogo intersubjetivo entre os interlocutores em um determinado evento comunicativo, que se torna imanente nos cursos de Comunicação.

Na teoria da sociedade, de um lado uma visão mecânica e tecnocrática e de outro uma visão articulada e socialmente engajada no campo das subjetividades, ambas visões inauguraram um momento de colisão e radicalização na definição de uma hegemonia na constituição de uma teoria de sociedade. Essas duas visões constituíram-se em componentes da disputa para estabelecer a natureza da verdade em ciências sociais: a verdade objetiva (a base material da luta concreta pela sobrevivência fundamentada na experiência puramente empírica) ou a verdade subjetiva (calcada na construção de uma rede de subjetividades). Foi neste contexto de luta epistêmica que surgiram os cursos de Comunicação durante os anos 1960, período em que também ocorre a proliferação das ditaduras militares na América Latina, qual os cursos de Comunicação, entre outros, jogavam um papel crucial para a consolidação da presença do simbólico no campo das Ciências Sociais e das humanidades.

Há que se frisar que o espaço da discussão do simbólico encontrava-se, até então, restrito ao campo da Filosofia, ao campo “Psi” (compreendido por campos como o da Psicanálise, da Psiquiatria, da Psicologia), da Literatura e da Antropologia. A gradativa constituição da Comunicação como área de conhecimento e dos cursos de Comunicação vieram a favorecer a formação de um território para abraçar a atividade de interpelação multidisciplinar, revolucionariamente aprofundada e sugerida por Lévi-Strauss em sua indireta aproximação com McLuhan. Um lugar privilegiado para a renovação da teoria da sociedade e oportuna profanação de um pensamento marcado pelo empobrecimento maniqueísta. Os cursos de Comunicação no Brasil seguiram assim a rota intelectual multidisciplinar em sintonia com a virada anti-historicista e anti-economicista das Ciências Sociais com o intuito de formar uma geração de profissionais com um espírito crítico e humanista, a despeito da forte formação técnica requisitada pela área, dada sua estreita relação com o mercado. Desta maneira, pensava-se que o ingresso de forma efetiva no mercado profissional não deveria implicar perda da capacidade crítica, a despeito da instrumentalização técnica. Considerada imprescindível à arquitetura do projeto democrático, a formação crítica dos profissionais naqueles anos 1970 comparecia como ingrediente inseparável dos currículos no combate ao autoritarismo e apontava para uma produção intelectual com responsabilidade profissional e social.

Deste modo, a formação do campo da Comunicação realizava-se de maneira profundamente marcada por um período de transformações operadas em direção a uma analítica do simbólico, bem como por uma mudança no regime político das forças no poder. A estrutura multidisciplinar engajada na estrutura dos cursos sugerira, também, uma ênfase

especial na virada lingüística, levando-se em consideração a articulação de força da semiótica, das análises discursivas e da economia política da informação e do simbólico a ela articulada e, sobretudo, focadas no entendimento de um novo regime de forças no jogo de poder. O compromisso da Comunicação com a democracia como valor universal apresentava-se não como ufanismo ou ideologia, mas como inquebrantável princípio ético. É deste acervo, e desta reserva moral, que as posturas e as atitudes, que, em grande parte, moldaram um profissional em um campo de condutas onde o compromisso maior era experimentar o melhor de si, em nome de uma utopia transformadora.

A famosa greve na ECA da Universidade de São Paulo, em 1976, foi um evento exemplar de tal engajamento. Durante um semestre inteiro, todos alunos interromperam sua presença em sala de aula para forçar a renúncia do professor Manuel Nunes Dias — o diretor da Escola naquele momento. Todos os alunos foram reprovados. Caracterizado por suas posições absolutamente conservadoras, Manuel Nunes Dias, historiador e autor de uma paradigmática pesquisa acerca do “descobrimento do Brasil”, fora desafiado pelos estudantes liderados pela Libelu<sup>5</sup>, um grupo trotskista de matriz Lambertista<sup>6</sup>. Temos aqui a ironia. Conforme disse acima, aquele evento político por si só constituiu-se em metáfora social dos anos de chumbo. Era a Comunicação, a mais jovem de todas as áreas acadêmicas na época, em confronto com a História, uma das mais tradicionais da USP no campo das humanidades. Era o pensamento sincrônico em oposição ao diacrônico.

Na mesma rede, um outro marcante exemplo foi o caso da UnB, onde do curso de Comunicação saíram alunos que constituíram a liderança que organizou a aguerrida resistência, na greve de 1977, contra o famoso Almirante-reitor José Carlos Azevedo, imposto pela Ditadura após o AI-5. Cabe ressaltar que a UnB sofreu o maior expurgo da Ditadura, com 200 professores atingidos, sendo os professores da Escola de Comunicação brutalmente incluídos, embora muito pouco se fale a respeito deste fato. Destruindo as artérias de um novo projeto de cultura nacional. Em uma disposição ímpar, os alunos enfrentaram os soldados da Polícia Militar que invadiram o *campus* da Universidade em atitude represiva aos comportamentos de desobediência ao reitor que impunha uma lei quase marcial à Universidade. O *campus* tornara-se um campo de batalha e os alunos e os professores do curso de Comunicação eram parte ativa da vanguarda do movimento.

Nos dois casos, tanto na ECA/USP como na ECO/UnB, espaços pioneiros do desenvolvimento dos cursos de Comunicação, temos nestes eventos exemplos típicos de como o ambiente político manifestava-se e, com isto, uma pequena mostra de como o combate emergia resultante do comprometimento com a crítica e as injustiças sociais. As fronteiras do campo definiam-se, naquele momento, não na ilusão da endogenia acadêmica, mas, sobretudo, no duro comprometimento da teoria com a transformação social.

Contrariando o que hoje tem ocorrido, o que mais se destacava era a parceria da crítica com o campo da ação e da teoria da sociedade. Certamente, o traçado absolutamente

multiteórico na composição docente contribuiu muito para que o perfil combatente e crítico se tornasse uma marca fundamental em alguns departamentos e também para o ataque dos governos autoritários que se seguiram após o AI-5. Professores oriundos de vários campos — Literatura, Lingüística, Sociologia, Antropologia, Matemática, História, Filosofia, Psicologia etc. — organizaram o corpo docente daqueles anos verdadeiramente multidisciplinar dos programas de Comunicação. À medida que novos profissionais graduavam-se, tanto na área de Comunicação, como na sociedade brasileira, percebia-se uma segunda onda de produção sobre a força da mídia eletrônica. Desde então, o processo interno na universidade inverte-se: de uma posição multidisciplinar, panorâmica e abrangente as novas gerações vieram posicionando-se em torno de uma atitude mais monodisciplinar, endógena e cada vez mais focada e voltada para a relação entre o mercado e o capital, submergindo, intensamente, na idéia e no discurso do profissionalismo de sucesso, entendido como descomprometimento político e social. O comprometimento direto com o público, com a nação, com o social ou o cultural nas suas fronteiras mais desafiantes foram abandonados. Em seu lugar, emerge uma atitude *techno* e burocrática em sintonia com a paradoxal disciplina do mercado e com as exigências do Capitalismo no seu estágio neoliberal. E não só com as disciplinas acadêmicas, pois este fenômeno que atinge a área de maneira tão brutal aparece também no campo da Comunicação Artística, como percebemos na conversa de duas celebridades no campo da crítica literária, Edward Said e Daniel Barenboim, pianista e maestro da Orquestra Sinfônica de Chicago.

Barenboim, hoje reconhecido como o maior intérprete vivo de Beethoven, sabiamente sublinha:

Não existe mais o discurso comum, porque, em primeiro lugar, a nossa formação é extremamente especializada e, depois, porque todo o aparato financeiro está voltado para a fragmentação do conhecimento, de modo que se faz cada vez mais sobre cada vez menos. [...] A consciência da sociedade global e do destino comum se embotou, seja em relação ao meio ambiente, às artes ou à história. [...] Há uma espécie de busca do estreito, do particular, do especializado. E o resultado é uma espécie de batalha geral em que o discurso ou o intercâmbio intelectual dificilmente propicia momentos de esclarecimentos e libertação [...]. (Said e Barenboim, 2002:154-5)

Os autores atribuem à globalização neoliberal a responsabilidade por este novo tipo de *ethos* que introduziu um comportamento menos holístico e profundamente limitado entre os músicos e profissionais da indústria cultural.

O mais impressionante nesta fase, em especial na universidade brasileira, é a sustentação de uma teoria tecnoburocrática de viés weberiano e racionalista como uma nova teo-

ria, que apela para a endogenia e estaciona a idéia de Comunicação na condição de “meio de transporte da informação”. Comunicação como metáfora do transporte sugere uma celebração da funcionalidade instrumental acrítica dos meios, como se eles fossem, *per se*, uma panacéia para a nova ordem mundial dos homens. Ignora-se, com esta abordagem, sobretudo, que vivemos um complexo momento de recomposição das várias áreas do saber, no qual o conceito de Comunicação emerge como uma das ferramentas analíticas em áreas tradicionais como na Biologia, na Filosofia, na Lingüística e na própria Física, com a finalidade de propor e ampliar o entendimento dos processos de conhecimento. Perde-se, ao não se reconhecer a força semântica e múltipla do conceito, a dinâmica da complexidade do cenário científico e tecnológico contemporâneo, que *cada vez mais rumo* em direção à interatividade e à interconectividade e, com esta atitude, se desencaixa a idéia original que caracteriza o conhecimento da área.

Abandona-se, por fim, o entrelaçamento dos inumeráveis planos de percepção bem como as turbulentas mudanças na Comunicação humana. Os múltiplos planos de percepção, cada vez mais orientados na direção de um processo de cinestesia, na articulação destes mesmos planos. É neste turbilhão de mudanças que a noção de Comunicação, inicialmente fixada de forma sólida, como um verdadeiro núcleo de referências a evocar uma ordenação multiteórica e multidisciplinar do conhecimento, adquire um *design* que abandona seu maior atributo, o de servir de paradigma do conhecimento contemporâneo, ao ser reconhecido como elemento constitutivo da ontogênese de todos os seres vivos. Aqui se tem claramente um paradoxo que não se resolve nem tampouco se reconhece.

## Estudos Culturais como pedagogia política da comunicação humana

Efetivamente o campo da Comunicação e, particularmente, o campo dos *media* transfigura-se em território privilegiado para a análise da cultura contemporânea e para o desenvolvimento de uma nova Pedagogia, que inteligencie e seriamente analise a força da narrativa, dos discursos, dos contextos e dos eventos comunicativos. Esta nova Pedagogia nasce da nova concepção do processo de alfabetização, melhor dizer processo de múltiplas alfabetizações que repensam o relacionamento das novas tecnologias advindas do campo comunicacional em conjugação com as formas culturais existentes. Este é o *locus* dos “Estudos Culturais” que poderá constituir-se no terceiro vetor de ordenamento da presença no campo (o primeiro, à época da ditadura implicava em profundo encaixêa regras do confronto; o segundo, o desencaixe com metas egóicas de inserção no mercado), ampliando assim as considerações iniciais sobre as abordagens, conforme fizemos no início deste trabalho. Amplo campo que abraça textos e práticas, que percorrem desde a música étnica e popular, à multimedia e ao *cyberspace*, com a finalidade de promover renovações de foco, ampliação de contexto, reconfiguração dos sujeitos no horizonte da vida social. É neste

ambiente que se reconhece a importância da relação entre mídia e cultura, que passa a ser sujeito e objeto da análise, pois nele se refratam e se interpenetram contextos assimétricos eivados por relações ativadas por noções de raça, classe e gênero. E é também veículo privilegiado para a própria discussão que se trava. O que torna esta Pedagogia é claramente aberta à incorporação de temas relacionados com a cultura, o poder e a dominação.

O entrelaçamento dos estudos sobre cultura e Comunicação, aliado às práticas de disseminação de formas cognitivas, até então excluídas, introduz no Brasil a urgência no desenvolvimento de um investimento na análise sobre a cultura e suas formas de representação no interior dos ambientes comunitários/comunicativos, que, por força dos conflitos, cada vez mais são percebidos como atos e campos políticos. Diante dos inigualáveis avanços na consciência comunitária e da luta por direitos humanos, desenvolve-se um acelerado processo de crítica às formas de representação por diferentes grupos sociais excluídos do reconhecimento histórico de seu lugar, papel e função social adotam os veículos de comunicação como seus instrumentos de difusão de idéias: chats, rádios alternativas, tvs alternativas, internet, orkut, bailes, músicas etc.

Os textos culturais/comunicativos são percebidos como eventos políticos e podem ser observados como representações negativas ou positivas. Desde que, a audiência aprenda a lê-los como narrativas elaboradas e discernidas como ideologias e imagens, esses podem ou não funcionar como mídia reproduzindo a dominação social, as injustiças, os bloqueios e as arquiteturas cognitivas do desconhecimento, e, portanto, como gramática das discriminações, dos estereótipos e dos estigmas. Como ocorre nos bailes funks, podem também funcionar ao contrário, como forma cínica e performática de crítica social quando são introduzidas questões como a da violência, a questão sexual ou mesmo a questão racial e todos estereótipos.

Por isso, os debates a respeito das políticas de representação, conforme nos indica Kellner e Durham (2001), são os mecanismos que melhor nos ensinam a analisar e criticar as ofensas e desrespeitos aos grupos sociais subordinados. Tais análises fornecem uma riqueza de *insights* sobre a ontologia da hegemonia midiática, isto é, sobre a natureza dos efeitos que *media* e cultura fornecem.

A idéia de representação que aqui sustento é um dos alvos privilegiados da análise cultural sobre os processos de Comunicação, sejam os veiculados por meios eletrônicos — TV, publicidade, cinema, foto — ou aqueles produzidos e exercidos pela cooperação natural da socialidade erigida no mundo da vida cotidiana — encontros, conversações, gestos etc. A idéia de representação aqui assumida, não se refere àquela noção da representação como mimese, réplica ou mímica do real. Refiro-me, isto sim, ao complexo *construc-to* no qual fazem parte determinadas tecnicidades narrativas e, sobretudo, ideológicas que sustentam os processos de codificação e decodificação de estereótipos, preconceitos e estigmas presentes nos produtos midiáticos veiculados em filmes, programas de televisão,

música e todas as formas culturais que enfatizam regimes de construção pela via de interações sociais, negativos e desrespeitosos para com os setores não detentores de chances e privilégios políticos como mulheres, negros, índios, portadores de deficiência, *gays* etc.

O melhor desenvolvimento desta temática sob uma angulação consistente e crítica deve-se a Hall. No caso especial do Brasil, o nosso cotidiano está perversamente povoado por estas formas culturais, que são formas de representação naturalmente concebidas como eventos de Comunicação e, como tais, estes eventos “alteram o sistema nervoso das pessoas de alguma maneira” e, diria mesmo, no plano dos movimentos quânticos “colocando-as num diferente estado de preparação para a recepção de estímulos subseqüentes” (Cherry, 1974:391). É com este material que podemos inferir que os eventos comunicativos veiculados pelos canais e equipamentos eletrônicos conduzem os sujeitos sociais a agirem de um determinado modo.

A natureza crítica que habita a epistemologia dos Estudos Culturais no Brasil chama a atenção para uma analítica da emergência das vozes alternativas em confronto com as representações hegemônicas. Estas formas discursivas e narrativas predominantes, bem como as que arrogam a viver de identidade, estimulam através da sua contraface político-pedagógica a criação de culturas opositoras, colaborando com a democratização das formas de produção do conhecimento dos grupos não representados, com a ampliação da produção da cultura, pelo reconhecimento dos jovens, mulheres, pessoas de cor, minorias sexuais e outros tantos excluídos. Atitude teórica e analítica que reengaja a Comunicação no campo da teoria social, em um momento de profundas transformações na base da sociedade, ainda que não suficientemente observadas a partir da academia devido ao abissal distanciamento desta das culturas e dos conhecimentos populares.

O papel dos Estudos Culturais pode assim ser compreendido como o de promover duplamente a crítica à esfera do social e aos blocos de poder que aprofundem aquelas formas culturais negativas instaladas na academia por aqueles que não conseguem dar conta dos limites, bloqueios e injustiças de seus discursos, tamanho o nível de certeza das suas chances e privilégios. Fornecer os veículos, espaço e voz para as visões alternativas, comunicando-as em articulação com as teorias de fronteiras, com as complexidades históricas das perspectivas dos grupos subordinados e com o compromisso de comunicar os trabalhos dos setores marginalizados. O caminho dos estudos culturais não apela na direção apocalíptica, como muitas vezes o fizeram os representantes da Escola de Frankfurt, mas encontra-se criticamente articulada com os sistemas dominantes de representação.

Nesta linha, os Estudos Culturais — como o mais novo campo intelectual de viés interdisciplinar, nos interstícios das ciências humanas e sociais aplicadas<sup>7</sup> — podem cooperar para uma dupla descolonização: de um lado, com a descolonização cognitiva, que assola as máquinas de ensinar<sup>8</sup> localizadas no campo dos mecanismos coloniais do pensamento conservador, e do outro lado, com a desconstrução das mitificações e mistificações

do conhecimento, concebido, sobretudo, dentro do divórcio corpo-mente e isolando-se do fenômeno da consciência, seja na sua dimensão profunda e cósmica, seja na dimensão social com todas as implicações semióticas e cognitivas como raça, classe e gênero.

Essa dupla atividade opera em direção a uma revolução do projeto epistemológico da modernidade em busca de um conhecimento dinâmico, interconectado e liberto das violências epistêmicas que aprofundam o “conflito tradicional *versus* moderno”. A direção deste projeto aponta para uma atitude intelectual que incorpora a responsabilidade crítica e social para desconstruir os resíduos das dominações que diluem e não reconhecem as formas de saber das culturas e civilizações oprimidas. Na falta de outro conceito, por ora, denominarei esta atitude de pós-colonial ou interculturalidade radical<sup>9</sup>. No caso especial dos Estudos Culturais, cuja presença é crucial no âmbito das máquinas de ensinar conservadora, racista, eurocêntrica e colonialista, seu papel é o de servir de ferramenta analítica na correção desta máquina de ensinar imprimindo nela a prática da metacrítica epistemológica. O objetivo maior desta prática é retomar as epistemologias marginalizadas, feministas e étnico-raciais, tendo com meta a reconfiguração das gramáticas dos sistemas de reconhecimento social de modo a reedificar as mentalidades e os sujeitos sob novos campos de significação que sustentem um pensamento radicalmente antitotalitário, intercultural e descolonizado<sup>10</sup>.

Por isso, a reconstituição da identidade multidisciplinar do campo da Comunicação poderá ser resolvida no reconhecimento da importância conceitual e política dos Estudos Culturais e Sociais, de maneira que se promova a desconstrução do pensamento único e da miséria colonial do saber. O resultado deverá ser adoção de uma consciência pluriépistêmica, engendrada por uma atitude de responsabilidade e mudança social em um país semicolonial<sup>11</sup> como o que habitamos, repleto de injustiças cognitivas e crises de identidade e de reconhecimento étnico-racial. Que a Comunicação possa ser enriquecida com a multipolaridade epistêmica nos próximos 50 anos e que consiga incluir os novos modos de Comunicação emergentes advindos das práticas comunicativas dos territórios excluídos adotados como tecnologias de contrapoder. Que delas a Comunicação sirva-se para desenvolver novas formas de capital cultural através dos agentes e meios emergentes e se superar como hegemônico saber em busca de um novo paradigma comunicativo, que fortaleça uma estratégia social e criticamente responsável.

## Notas

<sup>2</sup> Em passagem bem clara no Antropologia Estrutural I, Lévi-Strauss claramente assinala: “[...] não sou sociólogo e não me interessa senão de modo subsidiário por nossa sociedade. As que procuro antes de tudo compreender são estas sociedades ditas primitivas, de que se ocupam os etnólogos”. (Lévi-Strauss, 1962:379).

<sup>3</sup> A obra de Erving Goffman é pouco conhecida e muito criticada. A importância do trabalho deste sociólogo canadense é incontestável, principalmente, no momento atual, quando os estudos a respeito da construção da civilidade tornam-se significativos diante da espetacularização da vida social e das confusões entre ficção e realidade. A preocupação do autor localiza-se na elaboração de uma Sociologia da vida cotidiana para nela perceber o jogo entre interações sociais e a força das instituições incorporada a partir das semânticas institucionais no jogo das socialidades. Seu trabalho pode ser comparado ao sociólogo alemão Simmel, com quem freqüentemente dialoga em sua obra, tanto sob o ponto de vista filosófico (ambos seriam neokantianos), como sob o ponto de vista metodológico, ambos apostam nas descrições dos eventos para constituição do *corpus* a ser submetido a uma anatomia analítica (podemos chamar de exercícios etnográficos). A sua obra mais sistemática é “*Frame Analysis: An essay on the organization of experience*” (1974). Outras obras do autor publicadas em português são: *Estigma* (s.d.); *Manicômios, prisões e conventos* (1999); e *A representação do eu na vida cotidiana* (1999).

<sup>4</sup> Idéia que retoma Walter Benjamin (1969).

<sup>5</sup> Libelu — Liberdade e Luta — era a denominação de uma das mais ativas tendências políticas do movimento estudantil durante os anos 1970, com atuação predominantemente concentrada em São Paulo.

<sup>6</sup> A IV Internacional teve participação decisiva na reorganização política do movimento estudantil e nas Universidades Públicas Federais como um todo. Entretanto, existiam inúmeras tendências trotskistas que expressavam as múltiplas tendências da IV Internacional.

<sup>7</sup> Junto com as Ciências Cognitivas, também um novo campo interdisciplinar gestada nos interstícios das ciências da linguagem, biológicas, ciências psi (Psicanálise, Psicologia e Psiquiatria) e Literatura.

<sup>8</sup> Esta idéia encontra-se plenamente desenvolvida em Spivak (1993). Considero como aspecto central a defesa da universidade como lugar político de múltiplas epistêmes e, portanto, ao intelectual cabe disseminar conhecimentos de mudança social e novos conhecimentos. A universidade é uma máquina que corresponde à máquina de dominação cognitiva e a desconstrução deste conhecimento hegemônico significa a disseminação de formas novas e diferentes de percepção do mundo.

<sup>9</sup> Aqui entendemos interculturalidade como prática dialógica e afirmação positiva das culturas e se suas distinções. Idéia que opõe-se à formulação mercadológica e midiática adquirida pela noção de multiculturalismo. Ver nossa comunicação “Interculturalidade: uma questão de democracia e participação” (Tavares, 2003:134-37).

<sup>10</sup> Nesta linha de aprofundamento da questão das novas e diferentes epistêmes, uma tropa anti-hegemônica vem-se desenvolvendo como parte de uma globalização contra-hegemônica. Aqui sigo as postulações de Mignolo (2004:667-709), e de Boaventura Souza Santos (2004).

<sup>11</sup> Sobre semicolonial, este conceito possui duas experiências importantes para discutirmos os resíduos coloniais ou ainda os restos do sistema de dominação mercantil-escravista sobre a vida social brasileira. Este conceito recorta em grande parte a obra de Dubois, sociólogo negro americano, que analisa o racismo sob um ponto de vista que articula-o com a fenomenologia da sociedade americana e escravista, aprofundando suas singularidades e tendo como meta a mudança social. Se, por de um lado, o trabalho de DuBois (1985), apresenta este conceito, por outro, o mesmo aparece também em Leon Trotsky, que faz com ele distintas análises políticas daquelas empreendidas por DuBois. Nos dois, todavia, encontramos a paixão por mudanças sociais. O conceito pode ser freqüentemente notado na obra de Trotsky, desde os escritos sobre a guerra dos Bálcãs, durante o

período de 1912 e 1913, conforme nas descrições de sua História da Revolução Russa, até adquirir maior sistemática na coletânea *Writings of Leon Trotsky*, 1939-40 (1973:203).

## Referências bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. *For the Critique of the Political Economy of the Sign*. St. Louis, Telos Press, 1981.
- BAUDRILLARD, Jean (ed.). *The Ecstasy of Communication in Hal Foster*. Londres: Postmodern Culture, 1985.
- BELL, Daniel. *The Coming of Post-Industrial Society*. Londres: Harmondsworth, 1976.
- BENJAMIN, Walter. "The work of art in the age of mechanical reproduction". In H. Arendt (ed.), *Illuminations*. New York: Schocken Books, 1969, pp. 217-51.
- BRZEZINSKI, Zbigniew. *Between Two Ages. America's role in the technetronic era*. Penguin Books. Harmondsworth, 1979.
- CHERRY, Colin. *A Comunicação Humana*. (2ª ed.). São Paulo: Editora Cultrix, 1974. pp. 391.
- DEBRAY, Régis. *Curso de Midiologia Geral*. Petrópolis: Editora Vozes, 1993, p. 36.
- DuBOIS, W.E.B. *Against Racism: Unpublished Essays, Papers, Addresses, 1887-1961*. Ed Herbert Aptheker. Amherst: University of Massachusetts Press, 1985.
- GIDDENS, Anthony. *The Consequences of Modernity*. Oxford e Cambridge, Polity, 1990.
- GOFFMAN, E. *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. Nova York: Harper & Row, 1974.
- GOFFMAN, E. "Estigma". Rio de Janeiro: Guanabara, s.d.
- GOFFMAN, E. "Manicômios, Prisões e Conventos". São Paulo: Perspectiva, 1999.
- GOFFMAN, E. "A Representação do Eu na Vida Cotidiana". Petrópolis: Vozes, 1999.
- HARDT, Michael e Negri, Antonio. *Empire*. Cambridge e Londres: Harvard University Press, 2000.
- HABERMAS, Jurgen. "Modernity. An Incomplete Project". In H. Foster (ed.), *Postmodern Culture*. Londres: Pluto Press, 1985, pp. 3-15.
- HALL, Stuart. "Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais". Belo Horizonte/Brasília: Editora da UFMG/UNESCO, 2003.
- HAUSER, Marc. *The Evolution of Communication*. (2ª ed.). Cambridge, Mass.: MIT Press, 1998.
- KELLNER, Douglas e MEENAKSHI, Gigi Durham. "Adventures in Media and Cultural Studies: Introducing the KeyWorks". In D. Kellner e G. D. Meenakshi (eds.), *Media and Cultural Studies*. Londres: Blackwell Publishers, 2001, pp. 1-29.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. "A Noção de Estrutura em Etnologia". In *Antropologia Estrutural I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1962, pp. 313-360.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios à Mediação: Comunicação, Cultura e Hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- McLUHAN, Marshall. *A Galáxia de Gutemberg*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977.
- McLUHAN, Marshall. *Understanding Media: The Extensions of Man*. Nova York: Signet, 1964.
- MARGULIS, Lynn. *Symbiotic Planet: A new look at evolution*. Massachusetts, Mass.: Basic Books, 1998.
- MATURANA, Humberto. *De máquinas e seres vivos*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1994.

- MIGNOLO, Walter. “Os esplendores e as misérias da ‘ciência’: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica”. In B. S. Santos (org.), *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente: Um discurso sobre as ‘Ciências’ Revisitado*. São Paulo: Cortez Editora, 2004, pp. 667-709.
- POPOVIC, Nenad. “Eine Kopernikanische Wende”. *Eurozine*, [www.eurozine.com/article/2001-04-03-popovic-de.html](http://www.eurozine.com/article/2001-04-03-popovic-de.html).
- SAID, Edward e BAREMBOIN, Daniel. *Paralelos e Paradoxos: Reflexões sobre música e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SANTOS, Boaventura Souza. “Introdução” e “Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências”. In B. S. Santos (org.), *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as Ciências’ revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Outside in the Teaching Machine*. Nova York e Londres: Routledge, 1993.
- TAVARES, Julio Cesar de. “Interculturalidade: uma questão de democracia e participação”. *Interculturalidades*, Niterói, edUFF, 2003, pp. 134-137.
- TROTSKY, Leon. *Writings of Leon Trotsky, 1939-40*. Nova York: Pathfinder Press, 1973.
- VARELA, Francisco. *The Embodied Mind: cognitive science and human experience*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1998.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, vol. XLVI, 1975.